

O novo feminino feminista na velhice no enfrentamento da dominação masculina

The New Feminist Feminine in Old Age in the Face of Male Domination

DOI: 10.14393/LL63-v41-2025-01

Alice Alves Menezes Ponce de Leão¹

RESUMO: As alterações ocorridas no processo de envelhecimento alteram o sentido de ser homem e ser mulher na velhice. As mulheres conseguem melhor ressignificar o sentido de gênero do que os homens. Esta discussão busca refletir acerca da dominação masculina sobre o controle da vida e dos corpos das mulheres idosas. Se na juventude, os homens atribuíam etiqueta de valorização/desvalorização entre as “mulheres para casar” e as “mulheres para se divertir”, na velhice, eles apenas trocam os rótulos, dividindo-as entre as “senhoras de respeito” e as “velhas sacanas”. Trata-se de uma abordagem interdisciplinar, nutrida pela filosofia, sociologia e antropologia, que orienta a análise das relações de gênero, geração e sexualidade evidenciadas nos dados de uma pesquisa realizada com homens idosos e mulheres idosas, heterossexuais, de uma cidade da Amazônia. Os resultados mostram que a violência moral contra as mulheres idosas é uma estratégia patriarcal para assegurar a dominação masculina na velhice.

PALAVRAS-CHAVE: Velhice. Gênero. Violência. Sexualidade. Dominação masculina.

ABSTRACT: The changes that occur during the aging process alter the meaning of being a man and a woman in their old age. Women are better able to redefine the meaning of gender than men. This discussion seeks to reflect on male domination over the control of the lives and bodies of elderly women. If in their youth, men assigned labels of value/devaluation between “women to marry” and “women to have fun with”, in their old age they simply switch the labels, dividing them into “respectable ladies” and “dirty old women”. An interdisciplinary approach, nourished by philosophy, sociology and anthropology, guides the present analysis of gender, generation and sexuality relations as evidenced in the data from a survey conducted with elderly men and elderly heterosexual women in a city in the Amazon. The results show that moral violence against elderly women is a patriarchal strategy to ensure male domination in old age.

KEYWORDS: Old age. Gender. Violence. Sexuality. Male domination.

¹ Doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia (UFAM). Docente do Departamento de Serviço Social e do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia, ambos da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). ORCID: 0000-0002-9466-067X. E-mail para contato: allicyponce(AT)gmail.com

1 Introdução

A violência é uma expressão de poder provocada por um indivíduo que se julga superior com o objetivo de causar dor a um outro considerado inferior (Odália, 2012). Na sociedade patriarcal, as mulheres sempre representaram um perigo para a manutenção da dominação masculina. A violência de gênero, em suas várias expressões, é uma estratégia de controle das mulheres desde a juventude até à velhice.

Apesar dos esforços para o combate da violência, o seu enfrentamento é um desafio, pois ela está profundamente enraizada nas práticas sociais e em todas as instituições sociais e políticas, ainda que de forma velada, traduzido pelo que chamamos de violência simbólica. A violência simbólica pode se manifestar em expressões de censura ao estabelecer limites sobre a liberdade de ser do outro.

Bourdieu (1989) explica que a violência simbólica é uma prática sutil e naturalizada que se encontra incrustada nas estruturas de poder. Nesse sentido, ela é responsável por conformar o senso comum na tentativa de moldar o comportamento dos sujeitos e punir moralmente quem decide transgredir as regras sociais, através da segregação, do isolamento e do preconceito.

O etarismo é uma forma de violência contra a pessoa idosa. Esse preconceito atinge mais as mulheres do que os homens, sendo profundamente marcado pelos traços do sexismo. As mulheres idosas são socialmente mais desvalorizadas em função do declínio da aparência, transmitindo a imagem de repugnância e assexualidade. Supõe-se que se resta à mulher idosa conformar-se ao papel de cuidadora do marido idoso doente, dos netos e da casa.

Com a gestão contemporânea da velhice, o sentido do feminino se ressignifica no coletivo e se emancipa pelas vias da autoestima. Nos espaços de convivência, as mulheres se encontram e partilham as dores, os acolhimentos e novos projetos de vida, que, inclusive, transpassam a reativação da vida sexual.

O protagonismo feminino na velhice tem sido fortemente atacado pelas vias da moralização sexual, que categoriza as mulheres idosas entre “senhoras de respeito”, que devotam a vida em função exclusiva dos outros a custo da negação de si, e “as velhas sacanas”, que elegem-se como prioridade. Essa divisão, típica do patriarcado, é perpetrada

especialmente pelos homens idosos que sentem a sua virilidade ferida pela expansão das mulheres na velhice.

Este artigo não tem a pretensão de polarizar as relações de gênero, de homens contra as mulheres na velhice, mas de assinalar que as relações de poder de gênero perpassam todos os ciclos da vida, inclusive na velhice, especialmente no tempo da velhice jovem, que resguarda a preservação dos traços de autonomia e independência. As mulheres estão vivendo mais, frequentando de forma mais assídua os espaços públicos e cuidando de si, enquanto os homens, pelo maior processo de adoecimento, têm as suas funções comprometidas, como a virilidade.

O comprometimento da virilidade abala as estruturas de constituição da masculinidade, ameaçando a honra e o poder do macho (Saffioti, 1987). A estratégia do patriarcado contra a iminência de desmoralização do homem diante da perda da virilidade é atribuir às mulheres prazo de validade, como se elas não fossem mais capazes de serem sexualmente atraentes aos homens, supostamente porque “o que levanta cavalo velho é capim novo” (Ponce de Leão, 2018). Contudo, as mulheres não encontram comprometimentos sérios para prolongar a vida sexual de forma natural, se assim quiserem.

Este trabalho analisa as estratégias patriarcais de homens idosos para a reafirmação da masculinidade na velhice diante do comprometimento da virilidade, articuladas pelas vias da violência simbólica contra mulheres idosas. Trata-se de um recorte dos resultados da pesquisa de doutorado da autora, aprovada pelo Comitê de Ética – Plataforma Brasil sob registro CAAE n. 84449818.1.0000.5020, realizada com homens idosos e mulheres idosas, heterossexuais, na faixa etária dos 60 aos 80 anos de idade, que residem em uma cidade da Amazônia.

Esta discussão se pauta por uma abordagem analítica interdisciplinar nutrida pela filosofia, sociologia e antropologia que orientam as análises de gênero, geração e sexualidade tecidas aqui. Para a preservação ética da identidade dos sujeitos entrevistados, as mulheres idosas serão chamadas por nomes de flores e os homens idosos por nomes de pássaros.

2 A revolução do feminino na velhice

Quem disse que o que resta à mulher idosa é cuidar dos netos e do marido doente, engana-se. Essa expectativa que, por durante muito tempo, conformou o destino das mulheres na velhice é típica dos antigos programas de televisão formatados no modelo tradicional de

família no qual o cuidado era promovido como atributo exclusivo do sexo feminino até o fim da vida.

A velhice era considerada a última etapa da existência em que não se tinha mais nada a fazer a não ser esperar a morte chegar. Até lá, as mulheres idosas, mesmo já dispensadas da função reprodutiva, continuavam tendo a sua “utilidade” em função do outro e da negação de si. Para Motta (2006, p. 75),

[...] só ela, mulher, apesar das deficiências sempre apontadas, devendo ser também cuidadora de maridos “velhos” (isto é, doentes e incapacitados), de filhos e netos, pois cuidar é o “destino” clássico e persistente de todas as mulheres. Imagem pública que se funde com a prevalente na vida cotidiana, expressão de um contrato social imemorial.

Os anos 1960 assinalaram transformações importantes no âmbito da velhice e dos direitos das mulheres no Brasil, às quais foram responsáveis por requalificar o lugar da mulher idosa no tempo contemporâneo. Assiste-se, a partir desse período, o crescimento progressivo de pessoas idosas atingindo em 2016 a marca de 29,6 milhões, o que chegou a representar 14,4% da população brasileira nesse ano (IBGE, 2016).

O envelhecimento da população é atribuído a fatores como a redução dos índices de mortalidade em função dos avanços da medicina no que concerne ao controle e tratamento de doenças, à queda das taxas de fecundidade devido a introdução dos métodos contraceptivos, uma conquista dos movimentos feministas, à melhoria da infraestrutura sanitária e aos trabalhos de prevenção e promoção em saúde.

O aumento da população idosa chama a atenção das autoridades nacionais que, até então, priorizavam políticas públicas para a infância e a juventude, considerando a necessidade de preparar esse público para a futura inserção no mercado de trabalho. A velhice deveria esperar outros tempos, ficando sob a responsabilidade da família ou de instituições de caridade.

A presença crescente das pessoas idosas no cenário demográfico reivindica a atenção do Estado que passa a reconhecer a velhice como expressão da questão social e a preocupar-se com as demandas desse público pelas políticas de saúde, previdência e assistência social (Teixeira, 2008).

As pessoas idosas representam um potencial ônus para o Estado devido ao aumento de suas demandas e da natureza dos seus agravos. A partir de então, a visão que nucleava a velhice

como doença, inutilidade e morte passa a ser substituída pela ideia de atividade e bem-estar, atendendo a expectativa da gerontologia de “morrer jovem o mais tarde possível”.

Canôas (1983, p. 63) relata que, no ano de 1963, o Serviço Social do Comércio (SESC) de São Paulo passa a receber pedidos de realização de trabalhos com as pessoas idosas, “pois aumentava dia-a-dia o número de aposentados e ninguém se preocupava com eles até então”. As primeiras ações consistiam em oportunizar o acesso desse público aos serviços institucionais, como alimentação e lazer. Vinte anos depois, o trabalho da equipe já tinha fundamentação teórica, mas seguia a lógica de ocupação do tempo livre das pessoas idosas.

A positivação da velhice entra no Brasil trazida pelos ventos franceses. De acordo com Peixoto (2006), o termo que até então designava a pessoa envelhecida era “velho”. Empregado de maneira geral, não tinha uma conotação necessariamente pejorativa embora dependesse do contexto de sua aplicação que poderia soar dentro de um tom afetivo, como velhinho, ou agressivo, remetendo ao que é descartável e inútil.

“Idoso” marca um tratamento mais respeitoso, como *personne âgée* praticado na França e designa os sujeitos sociais das políticas públicas. O termo “velho” passa a ter conotação negativa ao designar, com frequência, as pessoas de mais idade pertencentes às camadas populares que apresentavam mais nitidamente os traços do envelhecimento e do declínio, segundo a autora.

A “terceira idade” surge como signo de atividade e dinamismo a partir da promulgação das políticas de lazer e bem-estar promovidas às pessoas idosas no âmbito da saúde e da assistência social. Este termo designa os jovens aposentados que dispõem de boa capacidade física e cognitiva e que estão em busca de realizar projetos de vida que foram sucumbidos pelo tempo de responsabilidade com o trabalho e com os cuidados da família.

Fensterseifer (2009) assinala que o paradigma da terceira idade nega o paradigma da velhice, suspendendo os estereótipos biológicos e sociais que estão associados à doença, à morte e à aposentadoria através do reforço aos conceitos de atividade e independência.

A terceira idade atua não só na perspectiva de mudança da imagem sobre a velhice, mas, fundamentalmente, no reordenamento dos papéis masculinos e femininos que são reelaborados na dinâmica dos grupos de socialização, como os centros de convivência para idosos e as associações de aposentados.

Esses espaços são frequentados dentro de uma dinâmica de gênero. Debert (2012) afirma que os centros de convivência para idosos são ocupados quase que exclusivamente por mulheres que lutam pela mudança de cultura sobre a velhice, enquanto nas associações de aposentados a presença majoritária de homens idosos defende a justiça pela redistribuição de renda e direitos sociais.

Os centros de convivência para idosos são majoritariamente ocupados por mulheres em razão da natureza das atividades oferecidas se voltarem para a proposta de lazer e autoestima por meio do autocuidado. Nesses espaços, são oferecidas atividades de dança, cursos de artesanato e pintura, palestras e serviços de saúde. A baixa adesão dos homens nesses programas pode ser explicada pelo julgamento machista que os fazem entender que o caráter das atividades oferecidas é “coisas de mulher”.

A nova gestão de velhice, promovida sob o signo da terceira idade, surge a partir da década de 1980 veiculando uma proposta de juvenilização dos comportamentos de modo a tornar a velhice uma experiência positiva e libertadora. As mulheres idosas encontram nos programas de terceira idade o momento para dedicar-se ao cuidado de si, já que os filhos já se encontram adultos e independentes.

A liberdade que as mulheres encontram na velhice é posta em crítica. De acordo com Motta (1999), as mulheres idosas podem até ter conseguido a liberdade de gênero, de sair, circular e viver segundo a sua vontade, mas se elas conseguem fazer isso, é porque essa liberdade foi conferida pelos outros que já não precisam mais delas ou que não se importam mais com elas, uma vez que não atraem mais os homens, não são bonitas e, por isso, não há muito o que preservar.

Se a liberdade das mulheres na velhice foi concedida pelos outros em vez de ter sido lograda como conquista dos movimentos feministas, o fato é que a velhice se constitui como o momento de ressignificação do feminino, um feminino que ao longo da trajetória de vida foi aviltado e interrompido pelas responsabilidades domésticas e pelo contrato sexual do casamento e que volta a ser retomado e desabrochado no tempo da velhice.

Goldenberg (2014) assinala que as mulheres que envelheceram querem viver o espaço público, que sempre fora ocupado pelos homens enquanto elas se limitaram ao espaço

doméstico. Isso implica no fato de investirem na ampliação de outras relações sociais, como amizades e outros compromissos que estão fora do lar.

O papel social de cuidar atribuído historicamente à mulher deixa de ser um dever e passa a ser uma escolha. A velhice do tempo contemporâneo não estipula como imperativo a rejeição dos papéis tradicionais, mas desloca-os como escolha. Desse modo, quem é feliz cuidando da casa, do marido e dos netos por vontade própria não é mais oprimida em comparação a outras mulheres que decidiram não assumir esses papéis. Afinal de contas, as mulheres idosas também são mulheridades, isto é, são plurais em suas experiências vivenciais.

A capacidade de decisão e de comando das mulheres idosas é um ato libertário. Para Rosa (72 anos), “eu não tenho obrigação de ir lá para a casa da minha filha passar roupa dos meus netos, eu vou porque eu amo fazer as coisas”. O ato de cuidar está ligado a uma vontade própria motivada pelo amor e não pela obrigação. Quando essa escolha não é respeitada, recusar-se passa a ser um ato político como forma de demonstrar que a prioridade da vida dessas mulheres, nesse estágio da vida, são elas mesmas, conforme demonstra Alfazema (66 anos), “eu já disse que só fico com neto quando der, no dia que eu tenho o meu compromisso no grupo dos idosos, aí que eu não fico mesmo”.

Apesar dos movimentos feministas terem uma dívida política com a pauta geracional, os grupos da terceira idade têm se constituído como espaços potencializadores para a construção do protagonismo feminino, nem tanto pelo caráter das atividades oferecidas nos centros de convivência para idosos, mas pelo agrupamento de mulheres reunidas que partilham ou partilharam contextos vivenciais parecidos e que fortalecem a si e às outras para o enfrentamento e superação.

O protagonismo feminino é um micro poder inato às mulheres. A história de suas vidas é a sua maior pauta política para a reivindicação de uma vida emancipada. Os espaços de convivência para idosos têm se constituído como núcleos fundamentais para a organização política das mulheres, ainda que esses espaços não tenham essa pretensão. O encontro com outras mulheres da mesma geração se transforma em uma teia identitária capaz de tecer uma rede de solidariedade. Para Bromélia (70 anos), “eu me senti mais forte aqui, no Centro [do Idoso]. Parece que eu melhorei, fiquei jovem”.

Debert (2012, p. 185) também concorda que os grupos de terceira idade são imprescindíveis para a revisão das biografias de gênero pelas mulheres que passam a ser examinadas no estágio da velhice e reconstruídas em uma perspectiva emancipatória, como ela destaca abaixo:

Pela primeira vez é aberto um espaço para as mulheres de mais idade criarem novas regras e estilos de vida. É esse espaço que elas se apressam a ocupar. Os programas para a terceira idade criam um ambiente em que essa experiência de criatividade, autonomia e liberdade, que cada uma reconhece como possível, possa ser vivida coletivamente. A cada encontro a coletividade mobilizada reitera o que considera serem os *scripts* da velhice no passado, pondo em ação práticas tidas como inusitadas e que têm a garantia pública de que é possível e saudável envelhecer sem se confinar aos padrões antigos.

A velhice devolveu o passaporte da liberdade às mulheres que fizeram parte de uma geração marcada pela domesticidade. Essa liberdade é uma conquista preciosa que, embora não permita reescrever o passado, possibilita à mulher recriar o presente e o futuro através de novas atitudes que evoquem um novo sentido para se estar viva.

Graças às lutas feministas, as mulheres idosas tiveram a chance de transitar do patriarcado para a liberdade de gênero, apesar das lutas que elas ainda enfrentam para a conquista da liberdade geracional, que perpassa desde a aceitação de uma imagética própria da velhice a conquista de direitos sociais importantes em face do fenômeno de feminização da velhice.

As mulheres idosas desse tempo contemporâneo tiveram as suas trajetórias de vida marcadas pela submissão, pela repressão, por estupro dentro e fora da conjugalidade, por casamentos forçados em nome da honra, violência doméstica, abandono, traições, responsabilidade unilateral na criação dos filhos e inserção em trabalhos exaustivos e degradantes para a manutenção da subsistência. É na velhice que “ganhamos a liberdade que não tínhamos”, diz Orquídea (76 anos).

A velhice tem se constituído enquanto momento emancipador para as mulheres da geração passada. Alfazema (66 anos) diz que, a partir da velhice, “pude sair, passear, conversar com as colegas, brincar quadrilha, pastorinha, que eu nunca tive na mocidade. Depois de minha idade, tem. Eu ganhei por isso. Antes, eu não podia sair pra passear, me divertir com os outros”. Bassanezi (2017, p. 608-609) elucida que “na ideologia dos anos dourados, maternidade,

casamento e dedicação ao lar faziam parte da essência feminina; sem história, sem possibilidades de contestação”.

Essa liberdade feminina alcançada na velhice transgride os papéis sociais historicamente atribuídos às mulheres idosas, levando-as a serem vistas como rebeldes e “assanhadas” pelos homens idosos, que eles já não conseguem mais impor a dominação masculina. Elas aprenderam a sorrir com espontaneidade, a falar mais, a participar de bailes dançantes, passaram a fazer excursões em grupos, reconquistaram a vaidade no modo de se vestir e de andar, estão visualmente mais presentes no espaço geográfico e, principalmente, aprenderam a dizer “não”.

Enquanto as mulheres idosas ressignificaram o sentido de gênero na velhice, os homens idosos mantêm-se aprisionados às suas reminiscências, que faz com que eles rechacem o tempo da velhice e qualifiquem a juventude como o melhor tempo de suas vidas, pois foi lá que residiu o ápice do seu prestígio social, seja por conta do vigor físico, da valorização por meio do trabalho e pelo auge da virilidade.

De acordo com Goldenberg (2014), os homens ao serem retirados do mundo do trabalho retornam para o espaço doméstico buscando reconquistar os vínculos afetivos que foram secundarizados, mas nem sempre encontram a disponibilidade dos membros da família, uma vez que a independência dos filhos os retirou de casa e desobrigou a permanência da mulher no espaço privado que, agora, se sente livre para ocupar espaços públicos.

A velhice se torna uma experiência mortificadora para os homens, ainda que usufruam de uma boa condição econômica em virtude da aposentadoria. Debert (2012) afirma que os bons momentos para os homens ficaram no período de suas vidas em que participavam da vida social com assiduidade e quando não precisavam ficar muito tempo em casa com a família.

Os homens idosos tiveram a vida nucleada pela masculinidade hegemônica que elege os pilares da força física e da virilidade como atributos de valorização. Bourdieu (2016) assevera que a masculinidade hegemônica não pensou nos homens quando chegam à velhice e que têm essas duas capacidades arrefecidas pelo declínio biológico, reduzindo o sentido de ser homem ao momento em que esses dois pilares encontram a sua expansão, que é na juventude e na idade adulta.

A inversão de mulheres ocupando o espaço público na velhice e homens idosos inserindo-se no espaço privado da casa produz tensionamentos no âmbito das relações de gênero que contribuem para a produção de violências multifacetadas contra as mulheres idosas. Essas violências reafirmam a dominação masculina sobre o controle da vida e, também, dos corpos das mulheres, especialmente quando elas decidem transgredir as fronteiras da sexualidade, já que somente aos homens foi autorizado o prolongamento da atividade sexual. Se na juventude, as mulheres foram categorizadas entre aquelas “para casar” e outras “para se divertir”, na velhice, elas são divididas entre as “senhoras de respeito” e “as velhas sacanas”.

3 Mulheres não têm prazo de validade

O mito da velhice assexuada ainda permeia o imaginário social, como se a idade destituísse os indivíduos da condição humana de serem sujeitos sexualmente desejantes. Apesar da perda da função reprodutiva das mulheres e da disfunção erétil que ocorre nos homens, o desejo não tem limites, por isso, a atividade sexual pode continuar sendo exercida até o final da vida. Os impedimentos para a vida sexual na velhice são mais de ordem social do que meramente biofisiológicos.

Como o exercício da sexualidade ainda está circunscrito à atividade sexual com o objetivo de gerar filhos, acredita-se que as mulheres quando chegam à velhice perdem o interesse sexual, já que não preenchem os requisitos de beleza socialmente valorizados para atrair os outros e não possuem mais a capacidade de gerar filhos. Contudo, a sexualidade não reside na genitalidade, mas na subjetividade onde o desejo é produzido.

O declínio do corpo e a pós-menopausa definem o tempo de valor da mulher na sociedade patriarcal, atribuindo-lhe um rótulo de prazo de validade. As mulheres idosas são assemelhadas a aparência de bruxas em função da pele enrugada, flácida e da perda das curvas do corpo. Quando expressam os seus desejos sexuais ou performam a sexualidade nas formas de falar, de andar e de se vestir, são rechaçadas como “velhas assanhadas”.

A personagem Maria Angélica apresentada no conto de Clarice Lispector (1998) ilustra bem o escárnio e o desprezo que recebeu de um homem mais jovem quando não pôde mais lhe oferecer vantagens financeiras em troca de sexo. “Sua velha desgraçada! Sua porca, sua

vagabunda! Sem um bilhão eu não me presto mais para as suas sem-vergonhices!”. O nojo, a solidão e a tristeza foram a penitência pela transgressão do seu desejo sexual na velhice.

A cultura brasileira sexualiza as mulheres desde muito jovens fazendo-as conceber com naturalidade a paquera e as investidas sexuais. Quando chegam à velhice, Goldenberg (2015) destaca que a questão mais dolorosa para elas não é ser desprezada pelos homens, mas ser invisível, ou seja, não atrair mais os olhares, não receber mais uma piscadinha ou um gracejo. Se não conseguem ser desejadas, sentem que perderam o seu valor, um valor que é sexual e que ficou no tempo da juventude.

Por que a juventude demarca o tempo de valor sexual das mulheres se independentemente da idade elas não encontram impedimentos para fazer sexo? Os homens, por sua vez, à medida que vão envelhecendo, sofrem com episódios frequentes de disfunção erétil até se tornarem sexualmente impotentes. Quem tem prazo de validade é, pois, a virilidade do falo, levando os homens idosos a se utilizarem da violência moral para desqualificar as mulheres mais velhas, já que não há impedimentos substantivos para que elas continuem sexualmente ativas.

A violência moral contra as mulheres idosas revela o medo dos homens idosos diante do enfraquecimento do seu poder e da ameaça à honra masculina. Para Bourdieu (2016, p. 28), as mulheres podem “até tirar partido do estado minimizado do sexo masculino para afirmar a superioridade do sexo feminino” [...] com o “sexo mole, sem vigor, de velho – como no ditado: você, sua equipagem despenca, diz a mulher ao homem, ao passo que eu, eu sou uma pedra bem soldada”.

Não é unanimidade que todas as mulheres idosas queiram manter-se sexualmente ativas, mas é bem verdade que todas expressem a sua sexualidade, já que esta é uma dimensão do estar vivo que promove bem-estar para consigo e para com os outros. O autocuidado e a promoção da saúde têm feito com que as mulheres vivam mais e com melhor qualidade de vida.

Para muitas mulheres, a viuvez, o divórcio e a impotência sexual do marido são passaportes para a libertação da servidão sexual que as escravizaram por muitos anos. Para Tulipa (64 anos), as relações sexuais com o ex-marido eram violentas não só para o seu corpo, mas também para a sua alma, uma vez que ela se sentia usada por ele só se preocupar com a própria satisfação sexual. “Eu me sentia um pouco bem e um pouco mal porque eu não gostava

dele. Eu aceitava porque ele era o meu marido, mas não era do meu gosto. Ele era sempre mau. Ele me batia, puxava pelo cabelo, jogava a faca atrás de mim e eu corria. Ele fazia à força”.

Apesar de sentirem desejo sexual, o estupro marital descaracterizou o sexo como atividade que deveria ser prazerosa para elas, por isso, muitas abdicaram da vida sexual mesmo depois do rompimento do contrato conjugal. Para outras mulheres idosas, a sexualidade, incluindo a vida sexual, começam, de fato, na velhice, momento em que elas alcançaram a liberdade de gênero.

É na velhice que elas sentem que estão vivendo, sentem-se remoadas, como diz Girassol (64 anos), “eu me considero mocinha, e virgem, ainda!”. A virgindade das mulheres idosas tem caráter simbólico de reconquista de um feminino que foi sucumbido pelas violências da vida. O tempo da velhice e as oportunidades de socialização que se constituem como uma rede feminista geracional expandiram o protagonismo das mulheres na vida e, com isso, a liberdade do corpo e da sexualidade. Para Beauvoir (2016), é um tempo de recomeço.

Como a moça que sonha com que será seu futuro, ela evoca o que poderia ter sido o seu passado. [...] Essa personalidade que acaba de descobrir por contraste com a mesquinhez de seu destino, ela a exhibe, louva-lhe os méritos, reclama imperiosamente que lhe façam justiça. Amadurecida pela experiência, pensa que é capaz enfim de se valorizar; gostaria de recomeçar. Antes de tudo, procura deter o tempo num esforço patético. [...] Declaram todas que nunca se sentiram tão jovens. Querem persuadir os outros que a passagem do tempo não as atingiu efetivamente, põem-se a “vestir-se como jovens”, adotam mímicas infantis. A mulher que envelhece sabe muito bem que se deixa de ser um objeto erótico não é somente porque sua carne não oferece mais ao homem riquezas frescas: é também porque seu passado, sua experiência fazem dela, queira ou não uma pessoa; lutou, amou, quis, sofreu, gozou por sua conta: esta autonomia a intimida; procura renegá-la; exagera sua feminilidade, enfeita-se, perfuma-se, faz-se toda encanto, graça, pura imanência; admira com olhar ingênuo e entonações infantis o interlocutor masculino, evoca com volubilidade suas recordações de menina: ao invés de falar, cacareja, bate palmas, ri às gargalhadas. É com uma espécie de sinceridade que representa essa comédia. Pois o interesse novo que dedica a si mesma, o desejo de se arrancar às antigas rotinas e de partir novamente dão-lhe a impressão de que recomeça (Beauvoir, 2016, p. 387-388).

A sexualidade das mulheres idosas representa muito mais do que a busca pelo prazer sexual. Elas não são “assanhadas”, como os homens idosos propagam. O riso expansivo, as roupas coloridas, as conversas em tom mais alto quando estão com as amigas é mais do que

querer chamar a atenção, é liberdade. Elas são transgressoras de uma ordem masculina que lhes relegou a invisibilidade e a mortificação de si. A sexualidade é o elã de seu protagonismo que faz com que elas queiram se cuidar mais, buscar relações saudáveis e desenvolver o exercício da participação política sobre as questões que lhes dizem respeito.

Para os homens idosos, a sexualidade continua centrada na genitalidade, preservada nos cânones da masculinidade hegemônica da competitividade sexual masculina e como atributo para a valorização social do homem. No imaginário masculino, a virilidade para não envelhecer, precisa ser inventada no sonho da juventude, como demonstra Beija-flor, de 77 anos, “essa menina que pediu para eu fazer com ela, eu dei uma descarregada tão grande que eu alaguei a pobre. Pô! Com 77 anos, isso é um fenômeno!”.

Merleau-Ponty (1999, p. 215) elucida que “é preciso que exista um Eros ou uma Libido que animem um mundo original, dê valor ou significações sexuais aos estímulos exteriores e esbocem, para cada sujeito, o uso que ele fará de seu corpo objetivo”. Ora, quando a virilidade não se sustenta mais no falo, ela precisa ser sustentada no imaginário e na discursividade, de modo a convencer o homem idoso de sua masculinidade.

Segundo Joannides (2005, p. 77), “[...] a faixa etária, em si mesma, é responsável por mudanças na ejaculação, e homens de meia-idade às vezes sentem saudades dos genitais que tinham na adolescência, que podiam lançar o sêmen a um metro de distância”. A força da ejaculação representa para o homem a confirmação de sua potência viril, o poder do macho.

O poder sexual do macho só encontra a validação masculina quando o homem consegue se relacionar sexualmente com mulheres jovens. O sexo com a mulher idosa é impensável porque “o que levanta cavalo velho é capim novo”, diz Tucano (64 anos). No competitivo mercado sexual masculino, os homens idosos ganham preferência não pelo vigor sexual, mas pela estabilidade de renda. Contudo, foi o Viagra que lhes devolveu a segurança da virilidade.

O Viagra surge na indústria farmacêutica com a promessa de tornar os senhores novamente potentes. Na época de seu lançamento, Brigeiro; Maksud (2009) referem que houve o aumento de divórcios e de relações extraconjugais, o que fez com que as esposas abandonadas ingressassem com muitas ações judiciais contra a Pfizer, o laboratório que produzira esse estimulante sexual.

Por sua vez, as mulheres idosas também não têm interesse sexual nos homens mais velhos. Os homens de sua geração, além de não saber lhes oferecer prazer sexual que elas querem conhecer, iriam impedi-las de sair de casa para cozinhar, lavar e passar para eles. A fase inicial da velhice, para elas, representa a liberdade. Elas querem experimentar o que nunca viveram, inclusive, a sua capacidade de sedução. Orquídea (76 anos) conta que:

A gente, quando vai no Programa [Centro do Idoso], vamos todas bem vestidas. Ainda tem homem que mexe com a gente, de toda idade. Um dia, eu vinha passando ali e um menino de vinte e tantos anos disse: “Oh meu amor, tu vai toda bonita!”, que eu nem conheço, mana! Eu andei ligeiro, que eu ainda ia para a igreja. Quando a gente vem dia de sábado, têm uns que sentam bem ali e dizem: “Oh meu amor, eu tô afim de ti. Eu quero dançar contigo”. Eu finjo que nem tô ouvindo. São esses idosos que ficam ali, sentados. Não sei o que eles veem na gente. Acho que tem uns que são salientes, né?

A insinuação sexual às mulheres idosas, tanto por parte dos homens mais jovens quanto dos homens mais velhos, aparece travestida de paquera, mas, na verdade, comunica a mensagem simbólica do assédio sexual, pois, para os homens, uma mulher que anda sozinha na rua, bem arrumada transmite para os outros a mensagem de que está sexualmente disponível.

De acordo com Le Breton (2007, p. 07), o corpo representa a existência do ser no mundo, “através do corpo, o homem apropria-se da substância da sua vida traduzindo-a para os outros”. As mulheres idosas que expressam a sexualidade são as “sacanas”, consideradas libertinas sexuais enquanto as “senhoras de respeito” são mais recatadas na forma de se vestir, sempre andam acompanhadas e não frequentam programas para a terceira idade.

Torres (2005) destaca que o estereótipo da mulher fácil e lasciva sexual que enxovalha a imagem da mulher amazônida é uma tentativa de desqualificar a sua imagem. Essa forma de depreciação constitui-se em uma violência moral ancorada numa ideia construída na sociedade colonial, especialmente a partir do século XVIII, quando ocorre o povoamento da região, sob os auspícios da era pombalina.

A cultura brasileira fortemente assediosa, mais do que naturalizar as investidas sexuais masculinas, dota-as de positividade, especialmente para as mulheres idosas que se sentem preteridas pelos homens. Ser escolhida por um homem ainda é um triunfo para as mulheres

de todas as idades, pois a identidade feminina ainda é socialmente legitimada dentro do dispositivo amoroso.

Isso não significa que as mulheres idosas estejam à procura de um relacionamento romântico, especialmente na fase inicial da velhice onde encontram a expansão de sua liberdade e podem aproveitá-la com autonomia e independência. Elas não querem romance, querem descobrir o potencial erógeno do próprio corpo e conhecer o orgasmo. Em outras palavras, elas querem gozar.

Giddens (1993) aponta que a sexualidade feminina vem ganhando maior autonomia desde a introdução dos métodos contraceptivos, responsáveis por desvincular o sexo da reprodução em nome do prazer sexual. Com uma liberdade maior sobre o próprio corpo, as mulheres passaram a investir em relacionamentos mais fluidos em que a linguagem romântica tem durabilidade enquanto houver a satisfação do eu.

O ato sexual das mulheres na velhice inscreve-se, então, sob o primado da liberdade. Longe de serem reprimidas sexualmente pelas máculas do passado, com um novo parceiro, elas se sentem desejadas e respeitadas, por isso, conseguem conectar sexualidade e afetividade, de modo a estabelecer uma relação de troca entre oferecer e receber carícias sexuais. Se antes, o ato sexual “era pega, pega, vai pra cá, faz. Hoje, é diferente. Eu abraço o cara, beijo o cara, cheiro o cara. Hoje, é melhor” (Rosa, 72 anos).

A liberdade sexual ainda é uma luta feminista em curso, mas já possibilitou às mulheres a quebra com o puritanismo e a frigidez que marcaram as suas experiências sexuais do passado. No tempo contemporâneo, a sexualidade se torna “uma experiência pessoal, fundamental para a construção do sujeito, em um domínio que se desenvolveu e assumiu um peso considerável no decorrer dos séculos: a esfera da intimidade e da afetividade. O repertório sexual se ampliou [...] e as encenações da sexualidade se multiplicaram” (Bozon, 2004, p. 43).

As mulheres idosas não apenas descobrem o prazer sexual na velhice, mas ensinam que a vida sexual nesse momento da vida pode ser muito mais enriquecedora e profunda do que as experiências passadas do tempo da juventude. Na juventude, o sexo é apressado, centrado na genitalidade e, por vezes, descolado da conexão afetiva com o outro, já que o próprio corpo dispõe da plenitude biofisiológica para mais facilmente atingir à excitação sexual.

Na velhice, corpos e almas precisam se conectar de forma recíproca para atingir à excitação sexual, uma vez que esta pode não ser acionada pelo estímulo visual, mas pela construção de um repertório que ocorre na experiência do sentir e da imaginação. Para isto, todo o corpo precisa ser entregue ao benefício da excitação.

Uma experiência sexualmente prazerosa não começa no ato sexual, é um processo de investimento afetivo que somatiza o desejo e desemboca na entrega do corpo. Afetividade e sexualidade, portanto, entrelaçam-se como dimensões necessárias para a síntese orgástica, como relata Hortência (67 anos):

Eu gosto dele, estamos nos gostando, aí a gente vai fazer aquela relação, então eu vou pegando amizade nele, aí a gente vai, vai, vai criando amizade. A pessoa vem, abraça e carinha, beija, aquilo dá vontade porque o cara não vai logo na marra. Tem que fazer um carinho para poder a gente também ter um carinho com ele porque se a gente não tiver um amor, um carinho naquela pessoa, a gente vai ter relação como? Se não faz aquele carinho, não tem gosto.

Essa perspectiva ampliada da sexualidade é fundamental para que homens e mulheres vivam a sexualidade até o fim da vida sem necessidade de medicalização. Na velhice, o tempo para o alcance da excitação sexual é muito maior do que na juventude, porém, a satisfação sexual é mais profunda e emancipadora para homens e mulheres. Gagnon (2006, p. 147-148) pontua que

O que eles fazem não é liberar um processo natural, mas empenhar-se na reeducação sexual – um processo mais somatório do que revelador. Essa preferência se baseia na tese de que a execução bem-sucedida do processo de excitação sexual é um processo sociopsicológico provocado e aprendido, moldado pelas condições culturais e históricas.

As mulheres idosas tendem a descobrir a chave da sexualidade humana primeiro em relação aos homens idosos, que só começam a compreender quando chegam à velhice avançada e são forçados a reconhecer que é a virilidade que tem prazo de validade e não eles e, principalmente, não as mulheres. Ainda que elas só tenham tido a oportunidade de viver tudo isso somente na velhice, pode-se considerar que o seu aprendizado tem muito a ensinar

às mulheres mais jovens que têm feito da liberdade sexual feminina um modelo de realização à luz do patriarcado.

4 Considerações finais

O inimigo contra a liberdade da mulher idosa não é o outro, um alguém de uma geração mais jovem, mas um semelhante, uma outra pessoa idosa, ou melhor, o homem idoso aprisionado nos cânones da masculinidade hegemônica que rechaça a velhice. A velhice não representa apenas um momento do ciclo existencial homogêneo. Ao contrário, ela é permeada pelos tensionamentos de gênero. Para os homens, é a mortificação da masculinidade enquanto para as mulheres, ela tem significado político de emancipação de gênero e de sexualidade.

Ao transgredirem os papéis socialmente esperados para elas, as mulheres idosas ameaçam a honra masculina provando que não têm prazo de validade para continuarem sexualmente ativas e expressando a sexualidade por meio de uma nova forma de ser e de estar no mundo. A violência simbólica tem sido a estratégica utilizada pelos homens para a desqualificação moral das mulheres na velhice dividindo-as entre “as senhoras de respeito” e “as velhas sacanas”.

“As senhoras de respeito” performam o recato e a submissão enquanto “as velhas sacanas” aderem a nova gestão da velhice organizando-se como um coletivo feminista que dá o pontapé para a revolução de gênero na velhice. “Mulheridades” devem ser respeitadas também na velhice enquanto diversidade de mulheres que somos e que escolhemos ser no espectro de realização da nossa própria liberdade. É o patriarcado que rivaliza as mulheres desde a juventude à idade madura categorizando-as dentro de uma métrica de valor que só serve aos interesses da dominação masculina.

Referências

BASSANEZI, C. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, M. **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2017. p. 508-535.

BEAUVOIR, S. D. **O Segundo Sexo – vol. 2 – A experiência vivida**. Tradução de Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 3. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016.

BOUDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOZON, M. **Sociologia da sexualidade**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Editora FVG, 2004.

BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE**. Síntese de Indicadores Sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=298965>. Acesso em: 12 mar. 2026.

BRIGEIRO, M.; MAKUD, I. Aparição do Viagra na cena pública brasileira: discursos sobre corpo, gênero e sexualidade na mídia. **Revista Estudos Feministas**, n. 17, v. 1, p. 71-88, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2009000100005>

CANÔAS, C. S. **A condição humana do velho**. São Paulo: Cortez, 1983;

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

FENSTERSEIFER, P. E. O imperativo do idoso saudável: dimensões éticas. In: DALLEPIANE, L. B. **Envelhecimento humano: campo de saberes e práticas em saúde coletiva**. Ijuí: Editora Unijuí, 2009. p. 81-93.

GAGNON, J. H. **Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade**. Tradução de Lúcia Ribeiro da Silva. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GOLDENBERG, M. **Coroas**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2015.

GOLDENBERG, M. **A bela velhice**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

JOANNIDES, P. **Sobre o pênis e seu dono**. 2. ed. São Paulo: Editora Landscape, 2005.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. Tradução de Sonia M. S. Fuhrmann. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LISPECTOR, C. Mas vai chover. In: LISPECTOR, C. **A via crucis do corpo** (contos). Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 75-79.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MOTTA, A. B. Chegando pra idade. In: BARROS, M. M. L. B. **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e político. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 223-235.

MOTTA, A. B. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. **Cadernos Pagu**, n. 13, p. 191-221, 1999.

ODÁLIA, N. **O que é violência**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense. 2004.

PEIXOTO, C. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. In: In: BARROS, M. M. L. B. **Velhice ou Terceira Idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e político. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 69-84.

SAFFIOTI, H. I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

TEIXEIRA, S. M. **Envelhecimento e trabalho no tempo do capital – Implicações para a proteção social no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2008.

TORRES, I. C. **As novas amazônidas**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2005.

Recebido em: 15.09.2024

Aprovado em: 11.05.2025